

Série Turisol de Metodologias

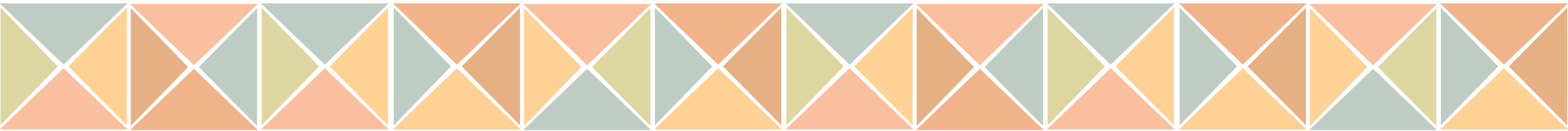
Turismo Comunitário



Agroturismo em Santa Catarina



Rede Turisol



Realização:



Parceiros Financiadores da Série Turisol*:



Parceiro apoiador:



*As organizações financiadoras da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário não são necessariamente parceiros financiadores de cada experiência relatada pela Série. A TAM, o Ministério do Turismo e a Fundação Kellogg financiaram a produção e redação dos livretos por meio de convênio ou termos de parceria firmados com o Projeto Bagagem.

De onde estamos vindo



A Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário – Rede Turisol, é composta por organizações que se uniram com a missão de fortalecer o turismo comunitário no Brasil. Atualmente a rede é composta por 23 iniciativas localizadas em 10 estados do Brasil e mais de 100 municípios, e encontra-se em fase de expansão. As principais linhas de atuação da Turisol são:

- 1) Comercialização
- 2) Comunicação
- 3) Impactos em Políticas Públicas
- 4) Capacitação e intercâmbios
- 5) Universidade e Turismo Comunitário
- 6) Juventude e Turismo Comunitário

Em 2008, o Ministério do Turismo, por meio do Edital de Chamada Pública de Seleção de Projetos de Turismo de Base Comunitária, selecionou de forma inédita 50 projetos (entre mais de 500 projetos inscritos) de apoio ao turismo de base comunitária distribuídos em 19 estados brasileiros. Dentre os 50 aprovados, 5 são membros da Rede Turisol, que se inscreveram de forma articulada, viabilizando assim a implementação de

um plano de trabalho da rede, executado sob a liderança do Projeto Bagagem. Este plano de ação envolve o fortalecimento dos destinos da rede por meio da criação de produtos promocionais e estratégias de comercialização conjuntas do turismo comunitário. As principais iniciativas deste plano incluem a expansão da rede através da inclusão de novos membros, a criação de um portal da rede, um catálogo promocional, a publicação da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário e a realização de encontros regionais e de um Encontro Nacional entre os membros da rede.

A produção da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário contou com o financiamento para a redação e coordenação da TAM Linhas Aéreas, da Fundação Kellogg e do Ministério do Turismo. E com uma generosa parceria com o Museu da Pessoa, que possibilitou a realização de uma roda de histórias filmada, bem como de entrevistas de histórias de vida ou temáticas em seu estúdio em São Paulo. Assim, foram gravadas 9 entrevistas temáticas, de 5 lideranças comunitárias e 4 técnicos ou coordenadores de ONGs locais que atuam com essas comunidades, que incluíram elementos das histórias de vida de cada entrevistado, e também uma roda de histórias com 6 projetos membros da rede.

Foto: Adriano Comin

A Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário é composta por 7 volumes que registram as histórias e metodologias das seguintes experiências:

- 1) Projeto Saúde e Alegria (Santarém, PA)
- 2) Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC)
- 3) Pousada Uacari, Instituto Mamirauá (Tefé, AM)
- 4) Projeto Bagagem (São Paulo, SP)
- 5) Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE)
- 6) Rede Tucum (12 comunidades do litoral do Ceará)
- 7) Pousada Aldeia dos Lagos (Silves, AM)

Nos últimos 10 anos, estas experiências estão entre as iniciativas que mais se destacaram no Brasil, e diante de uma crescente demanda por informações sobre como iniciar e gerenciar o turismo comunitário em outras localidades, surgiu a idéia de uma sistematização que deu origem a esta Série. Com estes registros esperamos informar, compartilhar e inspirar o desenvolvimento de novas iniciativas voltadas ao turismo comunitário no Brasil e no mundo.

Boa leitura!

São Paulo, 2010





Índice

De onde estamos vindo	02
Introdução	06
Histórico	09
Metodologia	16
Conquistas e desafios	35
Considerações finais	38
Contatos/Créditos	40



Grupo cicloturismo. Foto: Jonathan Jungle

Introdução

A Associação Acolhida na Colônia originou-se a partir do modelo Accueil Paysan, surgido no Sul da França nos anos 80, na região de Grenoble. Hoje a entidade francesa está presente em 18 países da Europa, África, Ásia e América Latina.

No Brasil, a experiência de desenvolvimento do agroturismo iniciou em 1999 no território das Encostas da Serra Geral (Região Sudeste de Santa Catarina), nos municípios de Rancho Queimado, Anitápolis, Santa Rosa de Lima, Gravatal e Grão Pará (projeto piloto) e foi motivada pela necessidade dos agricultores familiares deste território diversificarem as atividades dentro das suas propriedades, já que não era mais possível viver somente da agricultura. Outro problema detectado foi a falta de opções de trabalho e renda para jovens e mulheres. Era necessário pensar em atividades que pudessem “tirar proveito” dos potenciais locais, como belezas naturais, atrativos histórico-culturais, clima, dentre outros aspectos.

Neste contexto é que surge a Acolhida na Colônia, cujo foco de ação é o agroturismo. A atividade é conceituada como “um segmento do turismo desenvolvido no espaço rural por agricultores familiares organizados, dispostos a compartilhar seu modo de vida, patrimônio cultural e natural,

Foto: Cris Fontinha



mantendo suas atividades econômicas, oferecendo produtos e serviços de qualidade, valorizando e respeitando o ambiente e a cultura local e proporcionando bem estar aos envolvidos”.

Nos 5 municípios piloto o projeto atua com 40 propriedades rurais, estruturando-as para a prestação de serviços como hospedagem, alimentação, lazer, venda de produtos e educação (técnica e ambiental), através de circuitos integrados.

O trabalho desenvolvido pelos agricultores familiares da Acolhida na Colônia está baseado em seis aspectos básicos:

1. Turismo de base comunitária – os agricultores familiares trabalham de forma associada para o desenvolvimento da atividade turística. Além disso, cada município possui um comitê gestor do qual fazem parte diferentes pessoas da comunidade;

2. Trabalho de longo prazo – a perspectiva é de que as propriedades rurais possam evoluir aos poucos na atividade de agroturismo, adaptando estruturas existentes e realizando pequenos investimentos ao longo dos anos;

3. Ênfase na qualidade – a proposta é que os agricultores garantam uma condição de boa estadia para os visitantes. Neste contexto foram elaborados os cadernos de normas para atividade, os quais dizem o que, no mínimo, em cada tipo de serviço, deverá ser oferecido. Com base nos cadernos de normas a entidade elaborou um programa de certificação próprio;

4. Respeito ao meio ambiente – todo associado deve, ao filiar-se, imediatamente providenciar o tratamento adequado de esgotos de sua residência e a proteção da nascente de água que abastece sua casa. O agricultor também tem um prazo para converter o seu sistema produtivo para o agroecológico;

5. Parceria urbano x rural – a proposta é diminuir a “distância” entre o rural e o urbano. Que um contribua para a permanência do outro. Neste sentido, os agricultores cuidam do meio ambiente, da paisagem, produzem alimentos com qualidade, preservam a cultura local, etc e os urbanos valorizam este esforço, dando preferência à aquisição de produtos da agricultura familiar e buscam conhecer os responsáveis por esta produção diretamente no campo. Esta perspectiva está inserida dentro do debate do turismo solidário;



6. Fortalecimento das iniciativas de turismo de base comunitária – a

Acolhida na Colônia entende que é necessário o fortalecimento da discussão e da prática do turismo comunitário no país. Por este motivo participou da criação e integra as redes TRAF – Turismo Rural na Agricultura Família (2002) e Turisol – Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (2003).

Desde 1999 a entidade vem propondo e executando diversos projetos com diferentes instituições. O estabelecimento destas parcerias é que permite o sucesso da iniciativa, premiada pelo MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário em 2002 (Prêmio Destaque do MDA – categoria: diversificação da economia rural) e Prêmio ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio em 2005 (promovido pela Organização das Nações Unidas – ONU).

Podemos sintetizar a história da Acolhida na Colônia em dois momentos principais: o primeiro vai de 1999 até 2005, onde a entidade dedicou-se a criar um projeto piloto nas Encostas da Serra Geral, desenvolvendo e testando uma metodologia própria de trabalho. Neste período a associação atuava com 5 municípios e com 40 agricultores. O segundo momento, que vai de 2005 até

os dias atuais, é marcado pela expansão da iniciativa para outras localidades. O número de municípios salta para 30, o de propriedades para 170 e mais 4 associações são fundadas, consolidando a proposta de Rede Estadual.

Um marco importante para a associação foi a seleção, por parte do Ministério do Turismo, para que a Acolhida na Colônia integrasse o grupo dos 10 destinos referência, representando o segmento rural.

Neste contexto, esta publicação visa apresentar a sistematização do processo de construção do programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral (projeto piloto), procurando recuperar sua história, os atores que dela participaram, os conflitos surgidos e os consensos construídos. A partir desta reflexão, compartilhamos as principais lições aprendidas sobre as possibilidades e os limites da reprodução deste tipo de experiência.



Histórico

A Inspiração

Mas vaca tem chifre?

Um estágio vivencial de um mês durante a faculdade em uma pequena propriedade no município de Seara, no oeste de Santa Catarina, foi uma experiência transformadora para Thaise Guzatti, idealizadora da Acolhida na Colônia, que mal conhecia um pé de milho e não tinha idéia que uma vaca poderia ter chifre.



Foto: Adriano Comin

“A gente viajou a noite toda e chegou na tal da cidadezinha pela manhã e daí os pais foram buscar os estagiários. E aí foi o meu pai lá me buscar, num carrinho caindo aos pedaços – quase tinha que empurrar – todo feliz. A família tinha três filhos, e ele falava que o orgulho dele é que um dos filhos, o do meio, não estava mais na agricultura. Ele dizia: 'meu filho é minha esperança'. O mais velho trabalhava com ele na roça, o mais novo era pequeno ainda, e o do meio era a esperança dele porque ele tinha conseguido com muito esforço mandar pra cidade para tentar ser advogado, ele estava fazendo uma faculdade lá. Chegando lá eles tinham deixado o melhor quarto pra mim, arrumado a cama, esvaziado o guarda-roupa e aí ficaram me olhando. Enfim, me receberam super bem.

No final do dia a gente foi caminhar pela propriedade, e apesar de eu ser uma estudante eles já me viam como agrônoma, como alguém que tinha conhecimento, e aí eu comecei a ver como eu era ridícula. Eu queria ser uma agrônoma e não conhecia nada. A gente foi caminhando e eu não conhecia um pé de milho, e eu fiquei pensando 'meu Deus...' Aí a mulher olhava pra mim e dizia: 'é por isso que os agrônomos não conseguem resolver nosso problema'. Foi aí que eu comecei a entender a razão do estágio.

Uma das coisas que me chocaram foi a relação com a agroindústria. A grande entrada de recursos vinha da produção de suínos, que era a integração com a indústria. Eles tratavam os porquinhos com tanto amor, e faziam, e cuidavam, e limpavam e tal, aí chegava o cara da empresa, abria a porta do carro na frente do galpão, não se dignava em entrar e perguntava: 'tem algum problema, Seu Luís? Então faz isso, isso, isso e isso', passava a receita, os insumos, os medicamentos, a ração vinham da empresa, o que também era horrível. Aí no final, quando era pra mandar os porcos para o abate, vinha o caminhão da empresa, jogava os porquinhos lá dentro, aí eles chegavam na cidade machucados, e tudo o que tinha de estrago era descontado do agricultor, mesmo ele não tendo feito transporte. No final das contas tiravam o que eles tinham comprado de ração e o agricultor não recebia nada, quase ficava devendo. Então eu pensei: 'está tudo errado'.

Bom, e aí terminou o estágio e eu falei: 'ou eu desisto da faculdade e vejo que eu não quero trabalhar com essa gente, não tenho nada a ver com isso aqui, ou eu não posso mais pensar na minha floricultura porque não é isso'. E aí eu fui por este caminho. Até então eu fazia estágio em um laboratório de plantas, iniciação científica, tinha minha bolsa, mas vi que não dava. Aí eu fui trabalhar em uma ONG² da faculdade que buscava justamente procurar atividades que poderiam ajudar a vida dos agricultores. Tive a oportunidade de conhecer pessoas inspiradas e inspiradoras, de conhecer iniciativas em várias cidades, agricultores que estavam fazendo coisas bacanas. Mas o estágio sempre foi uma referência pra mim porque mudou a minha vida. Não só meu direcionamento profissional, mas a minha própria vida, meus valores, tudo. E eu falava: 'poxa, é isso. Quando a gente tem a chance de vivenciar certas experiências a gente se modifica'. Então essa foi minha grande motivação, meu direcionamento para o turismo foi isso. Porque a gente fala tanto do problema da favela. E uma coisa é você fazer uma visitinha, passar lá dentro de um carro, olhar a condição. E outra coisa é você ficar lá um dia conversando e vendo. Sempre que alguém critica qualquer coisa, qualquer iniciativa de qualquer projeto eu penso: 'está fazendo a crítica lendo um texto, ou indo fazer uma visita de uma hora. Vai criticar a atuação de uma entidade depois de passar dois, três dias, um mês lá'. Então pra mim vivenciar faz toda a diferença para o resultado. E foi isso que me motivou a trabalhar com turismo. Além desta vontade de buscar melhores condições de vida para as famílias, de fazer as pessoas entenderem o que é agricultura, o que é ser um agricultor familiar.

Participando desta ONG eu tive a chance de ir estudar na França, de fazer um estágio para ir conhecer a idéia do turismo rural. Eu fui, me formei, e estamos aí.”

Thaise Guzzatti

A história da construção do programa de Agroturismo

A implantação do programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral teve início no final de 1998, quando aconteceram as primeiras articulações para uma possível experiência. Neste momento, o encontro de duas ONGs catarinenses, o Cepagro - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo e a Agreco - Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral, ambas ligadas à agricultura familiar, foram fundamentais para o desencadeamento do processo.

O Cepagro é uma organização não governamental, formada por entidades de agricultores familiares de abrangência regional ou estadual. A entidade foi fundada em 20.04.1989, por um grupo de pequenos agricultores e técnicos interessados na promoção da agricultura de grupo, como forma de viabilização das pequenas propriedades rurais. Com relação a esta entidade, uma parceria histórica com organizações francesas

“Muito mais do que aprender sobre turismo foi ali que eu entendi essa relação do turismo também como possibilidade de desenvolvimento, e de ver que não adiantava trabalhar só o turismo. O turismo, numa situação como a de Santa Rosa de Lima, que é o município onde começou a sede da Acolhida, só o turismo não ia conseguir se desenvolver, só ele não ia mudar nada no município. Ele só iria fazer sentido se a gente pensasse formas inovadoras e diferenciadas de agricultura, de organização social, de agregação de valor dos produtos, que são coisas que subsídios, suporte para o turismo. Eu aprendi bastante, conheci muitas pessoas legais e quando eu voltei para o Brasil o desafio era fazer o mesmo aqui. E aí então eu comecei a visitar um monte de cidades no Estado que tinham relação com o Cepagro e ver onde tinha potencial para fazer tudo aquilo que eu tinha conhecido que eu achava que fazia sentido. Eu escrevi um projeto, e aí eu conheci a Agreco (em 1997), que era uma associação que atuava nas Encostas da Serra Geral com produção orgânica. Então já tinha tudo aquilo que eu achava que era importante estar desenvolvido. Mas o mais importante é que os próprios agricultores queriam desenvolver o turismo, já estavam sentindo a necessidade porque as pessoas estavam querendo ir lá e não tinha hotel, não tinha restaurante.”

Thaise Guzzatti

propiciou que Thaise Guzatti conhecesse algumas experiências de turismo desenvolvidas no espaço rural francês, em especial na associação "Accueil Paysan". Esta experiência serviu para reforçar, no Cepagro, a necessidade de buscar instrumentos para a promoção desta atividade em Santa Catarina. Partiu-se então para uma consulta às entidades que compunham a junta administrativa do Cepagro, a fim de analisar possíveis demandas para projetos desta natureza.

Neste momento, a Agreco apresentou-se como interessada, em função desta atividade ter sido indicada por seus agricultores no planejamento estratégico da entidade, realizado em 1997. Esta inclusão estava relacionada ao fato destes agricultores estarem sendo visitados por agricultores, técnicos e lideranças de várias localidades do estado e do país que buscavam conhecer o sistema de produção "ecológico" (sem uso de agrotóxicos e adubos sintéticos) adotado e a forma de organização e comercialização.

Desta forma, depois de construído um consenso, no interior do Cepagro, de que seria interessante investir no desenvolvimento do "turismo" na região da Agreco, passou-se à elaboração de um projeto que foi encaminhado ao Ministério

do Desenvolvimento Agrário/Secretaria de Agricultura Familiar/Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (MDA-SAF-PRONAF). A construção deste projeto definiu os passos necessários para a implantação do programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral: mobilização/sensibilização; diagnóstico das propriedades rurais; associativismo; capacitação e resgate e preservação da cultura e do meio ambiente.

Com a liberação dos recursos pelo Pronaf, no início de 1999, o projeto passou a ser executado pelo Cepagro, contando com a parceria da Agreco, das Prefeituras Municipais, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Comissão Pastoral da Terra (CPT), dentre outras entidades.

A seguir, procura-se recuperar e analisar os principais pontos considerados na construção do processo.



Definição da região de atuação

O primeiro passo para a construção do projeto de agroturismo foi, obviamente, a definição de sua abrangência. Vale lembrar que, especialmente no caso do turismo, os limites municipais foram quebrados há bastante tempo. São inúmeros os roteiros temáticos, rotas étnicas, circuitos regionais ou consórcios intermunicipais constituídos pelo país, a fim de atrair visitantes. Trata-se de uma forma de diversificação da oferta, o que possibilita, dentre outras coisas o aumento do tempo de permanência dos turistas nas regiões.

No caso do circuito agroturístico em questão, com relação à abrangência, alguns pontos foram levados em consideração, para a seleção dos municípios, com destaque para o trabalho dentro da região conhecida como "Encostas da Serra Geral", formada por pequenos municípios onde a base da economia é a agropecuária e o atendimento aos visitantes da Agreco.

Neste sentido, o município sede da Agreco, Santa Rosa de Lima, foi definido

como prioritário dentro do projeto de agroturismo e os municípios de Rancho Queimado, Anitápolis, Rio Fortuna e Gravatal, onde também haviam associados da Agreco e projetos para a construção de pequenas indústrias foram incluídos.

Um outro fator observado no momento da seleção dos municípios, especialmente no que diz respeito a Rancho Queimado e

Gravatal foi a possibilidade de oferecer aos visitantes o acesso ao circuito agroturístico via BR 282, principal ligação da capital do estado ao planalto catarinense ou via SC 431 / BR 101 que liga o norte e o sul do estado, através de Gravatal. Além disso, pensou-se em aproveitar parte do fluxo turístico que já visitava Gravatal, cerca de 20.000 turistas/mês.



A Agreco

Devido à baixa dinâmica econômica e social e ao isolamento dos pequenos municípios da região, durante muito tempo, o êxodo rural foi uma realidade. Os jovens buscavam nas grandes cidades opções de estudo e trabalho, sendo que a maioria dos que saíam para estudar acabavam fixando residência em outras localidades.

A partir de meados da década de 80, no entanto, algumas das pessoas que haviam saído do município começaram a se dar conta de que era necessário contribuir de alguma forma com aquelas que haviam permanecido em Santa Rosa de Lima (e na maioria das vezes tinham sido responsáveis pelo sustento dos que haviam saído). O espírito de solidariedade foi reforçado através da realização, desde 1991, de uma festa típica local, em Santa Rosa de Lima, a Gemüse Fest (o Gemüse é um prato típico da culinária alemã).

Em 1996, durante a realização deste evento, encontrava-se na região o Sr. Egídeo Locks, natural do município e proprietário de um grande supermercado com sede na capital - Florianópolis. Ele, recém chegado de uma viagem à Europa estava impressionado com o desenvolvimento do comércio de produtos orgânicos nas redes de supermercado

européias. Desta forma, disposto a inovar e oferecer tais produtos aos consumidores catarinenses e acreditando ser uma opção interessante aos agricultores de Santa Rosa de Lima, lançou um desafio aos presentes: produzir hortifrutigranjeiros livres de agrotóxicos e de adubos sintéticos, sendo que ele garantiria a comercialização em seus supermercados e tentaria colocar o excedente em outras lojas não concorrentes.

Imediatamente, quatro famílias iniciaram a produção orgânica de hortalças. Nos meses seguintes, outras foram se integrando gradativamente à produção e, em 27 de dezembro de 1996, 12 famílias de agricultores, incluindo alguns de seus membros vinculados a profissões urbanas (como professores e técnicos) realizaram a assembléia geral de fundação da Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (Agreco) e elegeram sua primeira diretoria.

O número de associados e de municípios envolvidos passou a crescer a cada ano, sendo decisiva a implementação do Projeto Intermunicipal de Agroindústrias Modulares em Rede, financiado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Tal programa previa a implantação de 53 agroindústrias rurais de pequeno porte na região. O objetivo geral do projeto era o





de “estimular um amplo processo de desenvolvimento solidário, impulsionado pela agregação de valor à produção da agricultura familiar e pela geração de oportunidades de trabalho e de renda”.

Com as agroindústrias, os produtos da Agreco passam a ser vendidos por mais de dez redes de supermercados, com lojas distribuídas nas principais cidades do Estado. Também foram colocados em pontos de vendas menores e à disposição de consumidores através da entrega direta e semanal de cestas. Mais recentemente, começam a ser consumidos na merenda escolar de estabelecimentos das redes municipal e estadual de ensino catarinense.

O desenvolvimento da Agreco incentivou outras formas de organização social. Exemplo disso foi a constituição de uma cooperativa de crédito rural, a Credicolônia, que surgiu com o objetivo de democratizar o acesso ao crédito. Ela possui sede em Santa Rosa de Lima e postos de atendimento em Rio Fortuna e Anitápolis, onde possui associados. Dentre as vantagens proporcionadas pela Credicolônia aos seus associados, podemos citar: menores taxas de juros; maior remuneração nos investimentos; menor burocracia para o atendimento das solicitações dos agricultores; a poupança

depositada na cooperativa é investida na região, etc.

Além disso, um Fórum de Desenvolvimento dos Pequenos Municípios também foi constituído na região das Encostas da Serra Geral. O objetivo é discutir questões essenciais ao desenvolvimento dos 11 municípios que o integram. O Fórum é composto por 4 grupos de trabalho: saúde, educação, infra-estrutura e turismo.

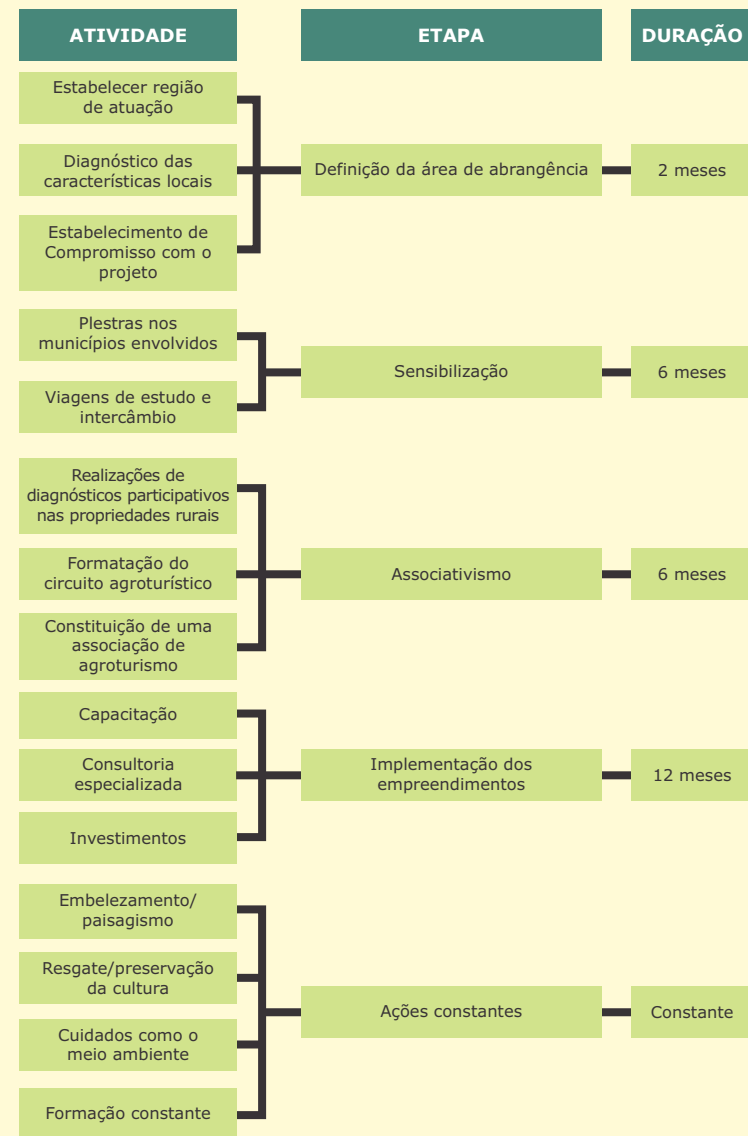
Metodologia

O caminho da construção da metodologia

“De um lado eu tinha tudo o que eu tinha conhecido e visto na França, o que era necessário, o que era importante. Fui estudar um pouco de turismo porque eu não conhecia nada, era da área de Agronomia. Aí escrevi o primeiro passo: fazer uma reunião para ver o que cada um quer fazer. O papel aceita tudo, né? E esse foi o primeiro grande aprendizado de que a gente tem que estar aberto para fazer as adequações, a conseguir ver e perceber o que não está funcionando, apesar de estar escrito no papel. Eu me lembro do primeiro projeto que foi aprovado pelo Ministério da Agricultura e que deu origem à metodologia, que a gente tinha que seguir à risca. Mas quando a gente começou a desenvolvê-lo a gente viu que estava tudo errado. Tudo o que a gente pensou que era necessário ter desenvolvido não era o que devia acontecer. Então a gente teve que fazer um super esforço de adequar ações para que realmente fosse efetivo e tivesse a participação dos agricultores e que pudesse ser incorporado por eles dando resultados a esta metodologia.”

Thaise Guzzatti

A Figura 1 apresenta de forma esquemática as estratégias que orientam a implementação do programa piloto de agroturismo



Definição da área de abrangência

O diagnóstico das características locais

As "Encostas da Serra Geral de Santa Catarina" ficam no sudeste de Santa Catarina, onde estão localizados os pequenos municípios de Gravatal, Grão Pará, Santa Rosa de Lima, Anitápolis e Rancho Queimado. Esta região está situada fora da rota de importantes rodovias e nela não se encontram centros urbanos importantes. A escolha deste território para compor o programa de agroturismo, foi baseada em alguns atributos:

1) Recursos humanos e savoir-faire:

A região é formada principalmente por agricultores familiares que demonstraram, ao longo do tempo, uma grande capacidade de inovação. No início dedicavam-se à criação do "porco banha". No entanto, com a crise gerada pela chegada do padrão "porco carne", a partir da década de 60, a região sofreu o primeiro processo de transição, com a "modernização parcial" de sua agricultura através da integração agroindustrial na cultura do fumo. Este produto passou a ser a principal fonte de renda de grande parte dos agricultores familiares desses municípios, trazendo consigo a introdução dos chamados "insumos modernos". No

início da década de 90, a crise desta agricultura e o conseqüente processo de desertificação social atingira níveis sem precedentes na região. Passa-se então à "reconversão" de parte destes agricultores, que voltam a trabalhar com a produção de alimentos "limpos", agregando valor aos seus produtos com a agroindustrialização ou venda direta.

Vale ressaltar que muitos dos imigrantes que colonizaram estas regiões (especialmente de origem alemã) eram artesãos, dedicados sobretudo ao trabalho em ferrarias e marcenarias e não ao trabalho com a terra. Além disso, a "disputa pela terra" com os índios e a condição de topografia extremamente acidentada, assim como a mata fechada, acabaram contribuindo para a dificuldade de adaptação deste imigrantes nas terras das Encostas da Serra Geral.

A habilidade dos imigrantes na confecção de utensílios constituiu um importante patrimônio que ainda pode ser encontrado na região. Na comunidade de Rio da Prata – município de Anitápolis, por exemplo, duas pequenas marcenarias e uma ferraria que funcionam com o auxílio de uma roda d'água ainda estão trabalhando. No município de Rancho Queimado – distrito de Taquaras, a fabricação artesanal de facas e um engenho de farinha que funciona através da roda

Leonilda Baumann
Foto: Anna Paula Diniz



d' água também continuam em atividade.

2) Recursos naturais:

Situada entre o Parque Nacional de São Joaquim e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, a região das "Encostas da Serra Geral" é marcada pela presença da Mata Atlântica e apresenta um cenário de grandes belezas naturais. A topografia da região é extremamente acidentada, sendo que sua altitude varia de 400 a 1800 metros acima do nível do mar, proporcionando o surgimento de micro climas variados, além de vastas extensões de florestas virgens e de grotões inacessíveis.

Com relação à hidrografia, nesta região nascem os rios Cubatão, Capivari, Tijucas, Braço do Norte e Itajaí do Sul, que compõem importantes bacias hidrográficas e que são a base da coleta de água potável para o sistema de abastecimento de importantes aglomerados urbanos, como o da Grande Florianópolis. O subsolo da região possui diversas fontes de águas minerais e termais e minérios como feldspato, caulim, quartzo, fosfato, fluorita e argila para cerâmica.

3) Recursos culturais:

A maioria dos municípios foi colonizada

por alemães, no final do século XIX e início do século XX. Depois chegaram imigrantes de origem italiana e açoriana. Este fato conferiu à região uma cultura típica, marcada na arquitetura, na língua, danças, culinária, etc. O isolamento da região, tanto em estradas, quanto em infra-estrutura de comunicação, contribuiu para que estes aspectos culturais permanecessem preservados.

Além disso, algumas iniciativas para a manutenção deste patrimônio cultural podem ser observadas na região, através da organização de grupos de dança alemã (Rancho Queimado, Santa Rosa de Lima e Rio Fortuna); Grupo de capoeira (Gravatal); Boi de mamão (Anitápolis); ensino da língua alemã nas escolas (Rio Fortuna); Festas típicas como a do Gemüse em Santa Rosa de Lima, dentre outras atividades.

4) Atividades econômicas:

A economia dos municípios gira especialmente em torno das atividades agrícolas desenvolvidas em propriedades do tipo agricultura familiar. Exceção deve ser feita ao município de Gravatal, onde a atividade turística, baseada na utilização da água termal, é responsável por cerca de 50% da economia do município, além das pequenas indústrias, especialmente malharias. Em Rancho Queimado, 80% da

Foto: Anna Paula Diniz



economia do município gira entorno da agropecuária, onde destacam-se a criação de gado e as lavouras de milho, tomate, bata e feijão. O cultivo do morango também tem se expandido no município. A primeira agroindústria para processar alimentos orgânicos em Rancho Queimado encontra-se em fase de construção. No município de Anitápolis, olericultura, apicultura, piscicultura e avicultura se destacam. Com relação a Santa Rosa de Lima, destacam-se a olericultura, a apicultura e a avicultura; sendo que dados da Agreco mostram que em 2002 cerca de 15% dos agricultores dedicavam-se à agroecologia. Em Rio Fortuna a economia também é baseada na produção primária e em propriedades de agricultura familiar.

O território das Encostas da Serra Geral aparecia, assim, para os proponentes do projeto, como detentora de muitas oportunidades para o desenvolvimento do agroturismo. Ainda mais porque eles consideravam que os visitantes buscariam o contato com a natureza; o retorno às origens, redescobrimo atividades que muitas vezes foram desenvolvidas por seus pais e avós, além de outros valores culturais e éticos. A produção de alimentos "ecológicos" também aparecia como um elemento importante na atração de "turistas" e como um elemento de

articulação das possíveis unidades de acolhida.

Ameaças para o programa também foram percebidas. As principais estavam ligadas à possibilidade de que capitais de origem externa à região, ou mesmo grupos de seu interior, reivindicassem e obtivessem concessões para a exploração de minérios ou para a construção de barragens para a produção de energia, não levando em consideração a preservação do meio ambiente, nem da vida rural. Inclusive isso já vem acontecendo com a intervenção de empresas de reflorestamento.

Estabelecimento de compromisso com o projeto

Depois de definida a área de abrangência do projeto, os municípios integrantes firmaram um compromisso através de um documento escrito apoiando a proposta. Neste sentido, os prefeitos municipais iriam se empenhar para melhorar os acessos às propriedades rurais, implantar a sinalização em seus municípios, disponibilizar um técnico local para acompanhar o projeto, entre outras medidas de apoio à iniciativa.

Foto: Adriano Comin



A sensibilização da população e lideranças locais como base para a implantação do agroturismo

“Apesar de os agricultores acharem que deviam desenvolver o turismo, que tinha necessidade, estava lá no seu planejamento estratégico, eles não tinham nem idéia do que era turismo. Nunca tinham viajado, nunca tinham feito turismo, e também nunca tinham visto turistas circularem em suas comunidades.”

Thaise Guzzatti

Um processo de desenvolvimento local pressupõe o envolvimento da população de um determinado território. A criação de “estados de mobilização” orientados para a transformação da realidade é a primeira condição para que as mudanças que advirão sejam sustentáveis (política, social e ambientalmente). É a sensibilização que irá garantir a valorização dos recursos locais, a revitalização da auto-estima e o

incremento das suas capacidades produtivas e de controle sobre o processo.

Para a população da maioria dos pequenos municípios das Encostas da Serra Geral, o turismo era, e ainda é, uma realidade distante. Imaginar que estes municípios pudessem e possam atrair visitantes é algo difícil para os seus habitantes. Esta realidade é ainda mais evidente no meio rural, entre os agricultores que tradicionalmente se dedicaram à produção de alimentos. A discussão sobre a multifuncionalidade da agricultura está, no entanto, contribuindo para alterar este cenário. Isso acontece, especialmente, porque os agricultores passam a perceber que eles possuem atribuições importantes dentro do quadro da segurança alimentar, da preservação da natureza, da paisagem e da cultura local, fatores estes cada vez mais valorizados pelas sociedades modernas.

Para o desenvolvimento do turismo nestas localidades, a comunidade tem que estar sensibilizada e disposta a contribuir para a construção da proposta. Afinal, o turista estará em contato com os habitantes locais, precisando ser bem atendido e informado; usufruirá dos espaços comuns (praças, estradas, museus, centros de eventos etc); utilizará os mesmos serviços (sinalização; coleta de lixo; hospital, telefonia, entre outros); sendo

Foto: Jonathan Jungle



que estes deverão estar presentes e em boas condições de funcionamento / utilização. Desta forma, o primeiro passo após a seleção dos municípios e avaliação das realidades locais foi um trabalho de sensibilização das comunidades para o turismo.

Palestras nos municípios envolvidos: trocando o turismo rural pelo agroturismo

Adotou-se, como estratégia de sensibilização, a realização de palestras nas principais comunidades de cada município envolvido no projeto. A organização destes eventos ficou sob responsabilidade da Prefeitura local, sendo o secretário e os técnicos da Secretaria da agricultura importantes parceiros neste momento. Toda a comunidade foi chamada para a palestra de "turismo rural" (através de convites impressos, notícia na rádio local e visita), sendo que aqueles agricultores que já demonstravam interesse pela atividade ou que o técnico local já sabia que tinha potencial para o engajamento no turismo tinham o seu convite reforçado.

Após a realização da primeira palestra

percebeu-se um problema: a confusão feita pelos agricultores sobre a "forma" de turismo que estava sendo proposta. Isto aconteceu devido ao modelo de turismo rural até então difundido no estado, relacionado aos chamados "hotéis fazenda". Estes empreendimentos oferecem, em geral, uma infra-estrutura distante da realidade e das possibilidades da maioria dos agricultores familiares e, muitas vezes, não dispõem de atividades agrícolas e pecuárias. Para evitar esta confusão, optou-se por utilizar o termo agroturismo, tentando então fixar esta expressão enquanto identificadora da atividade de turismo realizada junto a agricultores familiares.

Feito isso, as palestras nas comunidades dos cinco municípios envolvidos no projeto continuaram a ser realizadas, agora com o título de agroturismo. Nestes eventos, eram apresentados, além da parte conceitual, experiências práticas onde o agroturismo já estava sendo desenvolvido dentro desta proposta para a região. A finalização destes eventos era feita através de uma discussão sobre os assuntos apresentados e da identificação de agricultores interessados em conhecer melhor a proposta.

Foto: Jonathan Jungle



A realização de viagens de estudo e intercâmbio

Após a realização das palestras, os agricultores que despertavam para o possível engajamento na atividade foram convidados a participar de viagens de estudo para conhecer um pouco melhor a atividade. Assim, duas viagens foram organizadas; a primeira para Joinville, no Norte de Santa Catarina, onde os agricultores puderam conhecer o projeto chamado "Estrada Bonita", e a segunda, para Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, onde visitaram o roteiro chamado de "Caminhos de Pedras".

A formação do grupo de agroturismo municipal

Ao final da etapa de sensibilização, cada município organizou um grupo de trabalho inicial formado pelos agricultores que participaram das viagens e que haviam decidido continuar no processo implementando serviços de agroturismo em suas propriedades. Além disso, um técnico municipal e outras pessoas/entidades interessadas na atividade também participaram do grupo.



Figura 2 - Esquema das etapas contidas no item sensibilização

O princípio da complementariedade: trabalhando o associativismo e a solidariedade

O agroturismo foi desenvolvido dentro de uma perspectiva solidária, tanto entre os agricultores como entre as diversas organizações sociais da região. Desde o início dos trabalhos, buscou-se mostrar aos agricultores a importância do trabalho em parceria entre diversas propriedades rurais. Além disso, através das ações do agroturismo buscou-se dar suporte aos demais projetos em andamento na região, reforçando a discussão da importância de todas as iniciativas para o desenvolvimento sustentável da região. A seguir apresentamos as estratégias utilizadas para desenvolver este processo:

O papel do diagnóstico participativo: a definição dos serviços a serem oferecidos nas propriedades rurais

A partir da constituição do Grupo de agroturismo municipal (GAM), passou-se a discutir que serviço cada propriedade iria oferecer aos visitantes. A primeira tentativa foi a de fazer esta definição em

uma reunião do grupo. No entanto, isto não foi possível. Todos demonstraram interesse pela mesma atividade (especialmente pesque-pague) e o medo da concorrência aflorou.

Partiu-se então para um processo exaustivo de diagnóstico participativo. Esta metodologia consistiu-se em reuniões semanais ou quinzenais, em forma de rodízio, na casa de cada um dos integrantes do GAM. Estas reuniões tinham a duração de 1 dia, sendo que a família que acolhia o grupo oferecia as refeições (almoço e lanche). Durante o dia, o grupo percorria toda a propriedade, conhecendo seus atrativos e atividades. Um roteiro contendo informações da

família e da propriedade era preenchido na presença do grupo.

A definição do serviço a ser implementado e oferecido em cada propriedade partiu do princípio da adaptação de estruturas existentes na propriedade rural, com o objetivo de minimizar investimentos, tendo em vista que o agroturismo é uma atividade complementar às demais atividades realizadas na propriedade rural. Desta forma, casas antigas, quartos ociosos (dos filhos dos agricultores que foram para a cidade), estufas de fumo, galpões de madeira, etc, passam a ser pensados como locais para a recepção de "turistas".

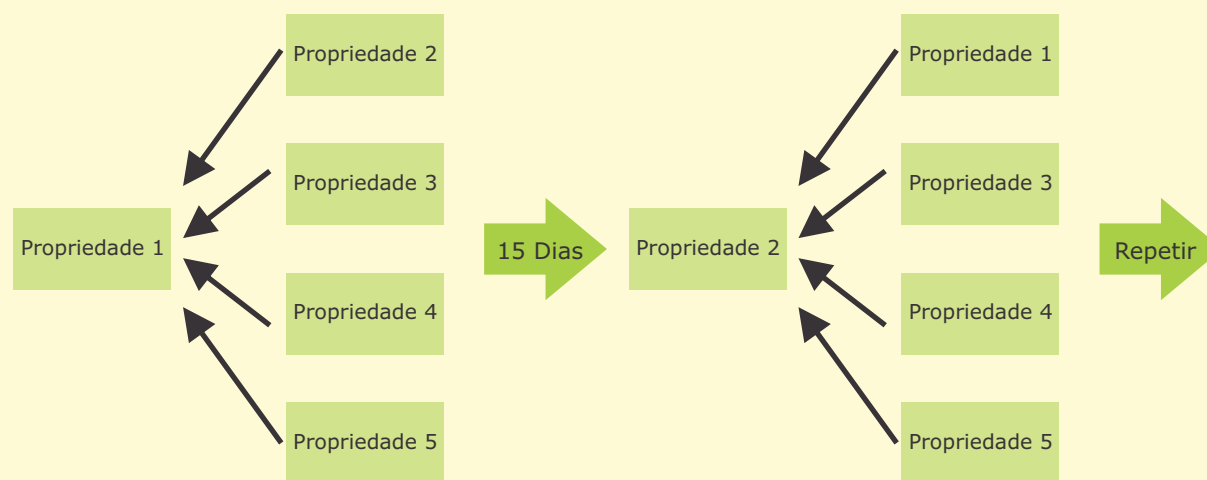


Figura 3: Realização do Diagnóstico Participativo

"A gente já imaginava que para trabalhar com turismo em um município precisava ter lugar pra dormir, comer, produtos para vender e coisas para fazer. Então precisávamos achar agricultores que se dispusessem a oferecer cada um desses serviços. Aí eu pensei que a próxima etapa seria fazer uma reunião com os agricultores e levantar o que cada um quer fazer dentro do que o turista precisa. Só que todos disseram que queriam fazer um pesque-pague, que era o que andava dando certo na região nesta época de 1998. E sempre a idéia era de não ser uma orientação técnica, de respeitar a vontade da família e como ela se via, o que ela queria fazer. Aí a gente criou o tal do diagnóstico participativo. Toda semana a gente se encontrava – nesta época eu fui morar na região – em uma propriedade. Todos iam para esta casa, e a gente andava lá. A gente comia o que a família fazia, a gente entrava na casa e olhava todos os quartos, o banheiro. Se tinha uma trilha a gente ia lá na trilha. Se tinha uma cachoeira a gente ia visitar a cachoeira. A gente ia visitar tudo, fazia uma varredura na propriedade, ia conversando. Engraçado porque eram cidades super pequenas e os agricultores se conheciam mas não se conheciam. Eles se conheciam de se encontrar, mas na maioria dos casos eles não conheciam um a casa do outro, aí eu comecei a pensar: 'como é que a gente quer que eles trabalhem juntos – e para você trabalhar junto você precisa confiar – se eles nem se conhecem, morando em um município tão pequeno. Aí eu fui vendo que esta metodologia é fundamental pra isso também, porque era super bacana. A melhor fase da minha vida profissional foi essa, da qual eu guardo as melhores recordações.

O diagnóstico participativo foi o principal item da nossa metodologia, porque depois de passar o dia com a família a gente sempre sentava para discutir juntos todos os aspectos vistos e vividos, ajudando de forma coletiva a família a pensar no seu potencial. Mas o mais importante foi criar este ambiente propício à colaboração. A gente queria um trabalho colaborativo de verdade e como é que a gente vai colaborar com quem a gente não conhece? Então a partir do momento em que eu ia à casa de uma pessoa, e eu dava uma sugestão, eu dava um conselho, eu me sentia responsável para que aquilo desse certo. Então o agricultor que ia na casa do outro queria que ele desse certo. E também foi bom para a disseminação de boas práticas. A gente foi na casa de um agricultor, e ele tinha o jardinzinho dele com bambuzinho, na outra semana a gente ia na casa do próximo e ele já tinha feito o bambuzinho no jardim. Criou-se uma amizade super legal entre as famílias, então esta foi a etapa decisiva para a gente conseguir implantar o projeto."

Thaise Guzzatti

Formatação do circuito agroturístico

Durante a realização do diagnóstico participativo, a definição do serviço a ser oferecido pelo agricultor era acompanhada da discussão sobre o papel que ele teria no circuito agroturístico, sendo o princípio da complementação evidenciado neste momento. Partindo-se do princípio de que o turista necessita, ao menos, de hospedagem, alimentação, lazer e venda de produtos, definia-se qual propriedade se dedicaria a oferecer determinado serviço ou produto, sendo evidenciado o fato da não concorrência.

Em alguns municípios, especialmente Rancho Queimado e Gravatal, nenhum agricultor manifestou interesse em trabalhar com hospedagem de início, devido, especialmente, aos custos para a implantação da atividade. Neste caso, parcerias com outros meios de hospedagem foram realizadas para que o processo pudesse ter continuidade. Além disso, nos circuitos agroturísticos, os serviços e atrativos municipais também eram mapeados.

Constituição da associação de agroturismo

Após o término da realização dos diagnósticos participativos, os envolvidos no processo perceberam a necessidade da constituição de uma associação para o fortalecimento da proposta e para fomentar a participação dos agricultores no processo decisório das atividades que se estabeleciam. Desta forma, uma comissão provisória de agroturismo (pré-associação) foi estabelecida. Esta organização, formada por técnicos, representantes de outras instituições locais (associações, poder público, etc) e agricultores, teve como tarefa discutir o associativismo com as pessoas envolvidas no processo, sendo isso feito através de reuniões com os interessados. Uma outra atribuição desta comissão foi a elaboração de uma proposta preliminar de Estatuto para a entidade.

Neste momento surgiu a idéia de parceria com a associação francesa de agroturismo Accueil Paysan que, além de possuir agricultores associados por toda a França, já havia estendido sua rede por outros 10 países da Europa. Esta parceria colocaria, então, o Brasil como primeiro país da América Latina nos roteiros da Accueil Paysan. No sentido de estabelecer tal vínculo, o Cepagro intermediou contatos e

Foto Eduardo Seidl



uma técnica (brasileira radicada na França) da entidade veio conhecer a proposta em dezembro de 1998. Feito isso, a parceria foi concretizada através da assinatura de um termo de cooperação.

Em 18 de junho de 1999, através de uma assembléia geral, fundou-se a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, com sede em Santa Rosa de Lima e envolvendo também agricultores de Rancho Queimado, Anitápolis, Rio Fortuna e Gravatal. Neste momento os envolvidos aprovaram seu Estatuto, sendo que esse documento, dentre outras coisas, possibilita a entrada de sócios não-agricultores, garantindo, no entanto, a direção da entidade aos agricultores familiares associados.

Na seqüência, reuniões da diretoria passaram a acontecer a cada 2 meses em forma de rodízio entre os municípios integrantes. Um planejamento estratégico participativo foi realizado em janeiro de 2000, no município de Anitápolis, contando com a presença de agricultores e técnicos de todos os municípios.

Uma atribuição importante da associação foi à elaboração do Caderno de Normas da entidade. Este documento, elaborado de forma participativa e a partir da realidade dos agricultores familiares das Encostas da Serra Geral e contando com o auxílio

de uma representante da Accueil Paysan, visa definir e regulamentar cada serviço oferecido pelos agricultores. Tal documento é importante pois garante, dentre outras coisas, a permanência do agricultor nas atividades agrícolas e pecuárias; além de ser fonte de garantia ao visitante sobre o que ele vai encontrar nas propriedades rurais.

Após a elaboração deste documento, aprovado em Assembléia Geral, cada associado assinou uma Carta de Compromisso e a associação passa a ter o direito e o dever de fiscalizar o cumprimento das regras acordadas.

“Hoje, mesmo estando há 10 anos na associação, se a gente não tem uma assistência técnica eu acho que não funciona. Porque a gente vive num mundo em que nem todo mundo tem o pé no chão, que acha que tocando seu negócio sozinho vai conseguir ganhar mais, a gente sabe que isso não dá certo. É melhor você trabalhar num grupo porque tu tem uma segurança. Graças a Deus a gente está num grupo bem unido no nosso município. Sempre que a gente tem um problema – às vezes tu tem um problema com um turista na sua propriedade que tu não sabe como resolver – a gente vai numa reunião e de repente alguém diz que teve esse problema e como resolveu. Então eu acho que trabalhar num grupo é sempre bom, você tem uma segurança a mais. Mas hoje sem os técnicos eu acho que ainda não dá certo. Tem que ter um estímulo do técnico ainda.”

Leonilda Baumann, agricultora

Capacitação: a base para a implantação dos serviços Agroturísticos

Neste momento, cada família já havia definido qual seria o seu papel (qual atividade desenvolveria) dentro do circuito agroturístico. Partiu-se então para a implementação dos "projetos" pensados por cada família em suas propriedades rurais.

O objetivo era iniciar a atividade com o menor investimento possível e, aos poucos, ir melhorando. Definiu-se que, inicialmente, deveria ser trabalhado o saneamento básico, visto que poucas propriedades possuíam fossa séptica ou outro tratamento para os dejetos. Além disso, a qualidade da água de consumo também preocupava, sendo que muitas propriedades também não possuíam fontes protegidas. Além destes, temas como paisagismo, organização do ambiente interno e atendimento também foram eleitos como prioritários.

Neste sentido, um material de apoio abordando estes temas foi elaborado e recebeu o nome de Série Agroturismo. Os cinco volumes desta "cartilha" continham

informações e dicas sobre os assuntos considerados prioritários. Cada tema foi trabalhado durante um dia de campo, buscando apresentar o assunto de forma criativa. No tema "Acolhida: o que buscam os turistas?", por exemplo, buscou-se discutir com os agricultores os atrativos existentes nas propriedades rurais e a importância da acolhida e do atendimento, utilizando-se técnicas de representação teatral. Além disso, cada tema foi trabalhado na propriedade que apresentava maior deficiência no assunto. Aquela com maiores problemas de saneamento, por exemplo, foi a que abrigou o dia de campo sobre este assunto.

Após a realização dos dias de campo, alguns cursos de "longa duração" foram organizados. Estes cursos, geralmente de 60 ou 80 horas também foram executados, no sistema de rodízio, nas propriedades rurais. O objetivo era que o curso já servisse como uma forma de consultoria. Assim, por exemplo, ao final do curso de paisagismo, a propriedade rural que o abrigou já estaria com um projeto de embelezamento implantado. Nas reuniões da diretoria da associação também eram responsáveis por apontar demandas que surgiam nas suas respectivas localidades, sendo que estas demandas geravam novos cursos.

Além destes "cursos" com enfoque muito mais prático que teórico, uma outra ação importante de capacitação foi a realização de viagens de estudo. Os agricultores estiveram em Tangará, Pinheiro Preto e Treze Tílias, todos em Santa Catarina.

"Ao planejar a capacitação a gente viu que não tinha nada disponível no mercado. Não tinha um material didático adequado ao nosso agricultor, ao que a gente queria mostrar. E também a gente sabia que o turista ia chegar e ia ter um baita impacto na vida das famílias. Iam querer Coca-Cola, iam querer margarina, em vez de comer a manteiga ou tomar o suco. Então como é que a gente ia trabalhar tudo isso? Então a gente teve que criar materiais de apoio. A gente criou uma metodologia de capacitação e materiais que eram muito mais dicas, desenhos mostrando como fazer ou não fazer, dentro do que a gente acreditava que era necessário e a gente trabalhava sempre com dias de campo bem práticos."

Thaise Guzzatti

O Programa Nacional de Municipalização do Turismo - PNMT: adaptando a linguagem

Com exceção do município de Gravatal, os outros municípios integrantes do projeto de agroturismo não possuíam muito conhecimento sobre a atividade turística. Neste contexto, inclusive por orientação do MDA/PRONAF, surge a idéia de integrar estes municípios ao PNMT, tendo em vista os resultados que este programa estava obtendo em outros estados e municípios. Estes resultados ficam demonstrados pela sensibilização das populações locais sobre a importância e as possibilidades do turismo e na formação de pessoal para atuar no setor.

Neste contexto, foram realizadas duas oficinas vinculadas às duas fases do programa, com o diferencial de a discussão estar voltada para o agroturismo. Além disso, a metodologia utilizada nestas oficinas propiciou a participação dos agricultores na

construção dos conceitos (turismo sustentável, agroturismo, conselho municipal de turismo, etc). Foram elas:

-Conscientização: capacitação dos Agentes Multiplicadores Nacionais, Estaduais e dos Monitores Municipais, para a mobilização, sensibilização e conscientização da comunidade;

-Capacitação: qualificação dos Agentes Multiplicadores Nacionais, Estaduais e dos Monitores Municipais, para a orientação dos diversos segmentos da comunidade com vistas à constituição do Conselho Municipal do Turismo e do Fundo Municipal do Turismo.

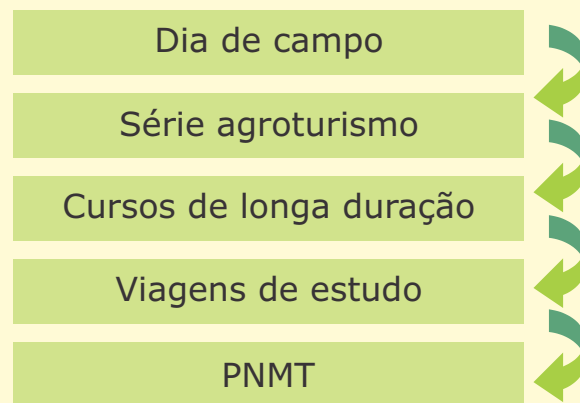


Figura 4 – Ações de capacitação na implantação do agroturismo



Foto: Eduardo Seild

Consultoria especializada: evitando o erro e otimizando recursos

Em algumas propriedades foi necessária a contratação (ou parceria com outra instituição) de uma consultoria especializada por parte do projeto. Isso significou, por exemplo, no caso de agricultores que desejavam modificar suas casas para hospedar visitantes na contratação de um arquiteto. O objetivo era que o profissional da área desse as sugestões para as obras, observando a arquitetura local e a otimização dos recursos financeiros. O profissional não fazia projetos, apenas dava sugestões de melhoria e acompanhava a realização das obras. Além do arquiteto, profissionais da área de saneamento básico, alimentação e ecoturismo também foram solicitados pelos agricultores.

Os empreendimentos: baixo custo mas muito esforço para a implementação

Durante a etapa de capacitação, os agricultores começaram a organizar as suas propriedades para o agroturismo. Estas mudanças aconteceram especialmente no saneamento, na organização e no embelezamento. A

organização dos serviços a serem prestados começou, no entanto, somente nesta etapa. Os serviços foram divididos em 4 categorias:

- 1) Hospedagem na colônia:** pousada colonial (casa independente da casa de moradia do agricultor); quartos coloniais (quartos na casa de moradia do agricultor) e camping colonial;
- 2) Alimentação colonial:** restaurante colonial; mesa colonial (refeições servidas na própria casa do agricultor) e café colonial;
- 3) Lazer na colônia:** trilha ecológica, pescaria; locais para banho, etc;
- 4) Conhecendo a colônia:** dia de campo; colha e pague; cursos, etc;

O princípio orientador, desde a escolha dos serviços na etapa do diagnóstico participativo, foi adaptar ou aproveitar estruturas e potenciais existentes nas propriedades. Esperava-se, desta forma, fazer o menor investimento inicial possível.

Mesmo assim, algum recurso financeiro era necessário para começar. Era preciso comprar roupas de cama, louças ou pequenos equipamentos. A busca destes



recursos em instituições financeiras não foi bem sucedida. Os entraves encontrados pelos agricultores familiares das Encostas da Serra Geral não foram diferentes daqueles enfrentados por aqueles da mesma categoria que buscam recursos nos bancos (falta de interesse da instituição devido ao baixo valor dos recursos solicitados; exigência de garantias, entre outros). A única novidade é que se contava, no caso, com a existência de linhas de crédito dentro do Pronaf para o turismo rural. Os gerentes alegavam que desconheciam o assunto ou assumiam que não acreditavam no sucesso da atividade.

Isso fez com que a associação de agroturismo Acolhida na Colônia criasse, através de recursos obtidos de doações de técnicos, um fundo denominado "Fundo Rotativo do Agroturismo", com um montante de R\$ 6.000,00 (seis mil reais). Uma comissão gerenciadora do fundo foi organizada com representantes da Agreco, Acolhida e Credicolônia, sendo esta última responsável por repassar o dinheiro aos projetos selecionados. O recurso era destinado a financiar 4 projetos de agroturismo e as condições estabelecidas foram: juros de 3% ao ano, com prazo de devolução de 1 ano e carência de 6 meses. Os 4 primeiros projetos propostos e financiados tinham o

objetivo de constituir um café colonial, duas pousadas e um restaurante. Todas tiveram sucesso, sendo que o recurso foi devolvido, corrigido, após 18 meses e financiou novos projetos. Em 2009 a Acolhida lançou o Fundo Generosidade, com vistas a ampliar a possibilidade de financiamento a todos os agricultores associados.

Uma outra estratégia utilizada para captar recursos para equipar as propriedades foi o próprio funcionamento das unidades, recebendo visitantes. Uma condição mínima foi estabelecida e um pequeno valor era cobrado do visitante (em 1999, R\$ 7,00 o pernoite com café da manhã). Os "turistas" eram convidados, desta forma, a participar da implantação do projeto de agroturismo, sendo que as condições de hospedagem e alimentação eram explicitadas antecipadamente. Ao final da hospedagem, o visitante preenchia um questionário com sugestões, que eram analisadas e, depois, apresentadas e discutidas com quem havia prestado os serviços.

Foto: Eduardo Seild





Thaise conta:

“Muitas noites eu não dormi. Muitas. No caso da Acolhida na Colônia especialmente, já existia a Agreco, já existiam ações, e muitos dos agricultores que estavam com a gente, nem todos mas muitos, já eram ligados à Agreco. E uma coisa que eu lembro que foi importante para algumas decisões de orientação técnica que eu tomei foi o fomento da Agreco aos agricultores para fazer grandes investimentos em relação a pequenas agroindústrias. Eram pequenos mas para eles eram grandes. Eles se juntaram em grupos, formaram as agroindústrias. E eu via que muitos agricultores não dormiam com medo do investimento, e eu não achei isso legal. Aí algumas não deram certo, o prédio está lá construído, o investimento feito, e isso também podia acontecer no turismo. Se eu incentivasse o agricultor a fazer um investimento de R\$20 mil para construir uma pousadinha – e se não desse certo? Eu não queria isso. Aí começamos a pensar em sempre trabalhar com adaptações. O que é que tem na propriedade que dá para adaptar? E depois que o agricultor ver que tem jeito para o negócio, que dá certo, aí ele pode ir investindo, melhorando, crescendo. Isso também me fez acreditar, porque a gente não estava incentivando ninguém a fazer um grande investimento que se desse errado ia dar tudo errado, e acabar com a vida dele, sabe?”

No mínimo eles teriam ganho melhorias, pois estávamos falando de cuidados pessoais, sobre como melhorar o visual da propriedade, sobre como melhorar a qualidade da água. Eram coisas tão boas para eles mesmos que se no final das contas desse tudo errado e não tiver turista foi bom para eles. Mas eu acreditava, porque era um lugar lindo, com pessoas maravilhosas, a comida era maravilhosa. Achava impossível as pessoas não quererem conhecer aquilo lá, e já tinham pessoas indo.”

Leonilda conta:

"A gente começou com essa casa pequenininha que é uma casa de material bem barato que a gente fez pra nós na época para colher o mel, passar final de semana, e depois a gente passou a alugar. Não fizemos um grande investimento. O que a gente investiu no início foi uma melhoria da roupa de cama, dos colchões. Todo dinheiro que a gente ganhava a gente ia melhorando cada vez mais. E quanto mais a gente via que o trabalho dava certo a gente se animava. Mesmo chegando na nossa cidadezinha (Santa Rosa de Lima) as pessoas falavam assim: 'mas o que é que o turista vem fazer aqui? Aqui não tem nada pra fazer. Nós moramos em um lugar que só tem barranco, grotas, só pirambeira, o que é que o turista vem fazer aqui?' Então isto te dava uma desmotivação. Mas nós ficávamos em 5 famílias sendo persistentes. Aí no fim eu ficava pensando assim 'poxa, as pessoas da cidade te dizem isso e é verdade, o que as pessoas vêm fazer aqui no meio do mato? Mas aí a gente continuava trabalhando, trabalhando, e quando vinha um grupo de turistas eles adoravam, então isso motivava muito a gente. Depois voltava para a nossa comunidade, eles jogavam um balde de água fria, e no fim a gente não sabia mais o que dizer.

Depois de três anos atendendo nesta cabaninha pequena a gente percebeu que dava certo e nós construímos uma outra casa mais estruturada, uma segunda pousada. Era com o que a gente queria trabalhar, e com uma casa só não dava pra ficar atendendo pois nós recebíamos quando muito um casal com dois filhos, aí não compensava pra gente atender tão poucas pessoas. Aí a gente construiu outra casa, e foi bem legal porque a gente terminou a casa numa segunda-feira e na quarta-feira a casa já estava alugada. Então foi uma correria para colocar os móveis para receber os grupos que estavam vindo. E foi um período bem legal de muito turista."



Ações constantes

Com relação ao paisagismo, apesar do fomento ao embelezamento nas sedes e estradas municipais, o trabalho foi mais concentrado nas propriedades rurais. Iniciou-se o processo através da realização de um curso de longa duração (80 horas). Após isso, realizou-se um concurso de jardinagem entre as propriedades envolvidas. Isso foi feito através da elaboração de regulamento contendo as regras para a participação. Nestas regras estavam contidos critérios que deveriam orientar os agricultores no momento de implantação dos seus jardins. Não foi permitido, por exemplo, o uso de plantas exóticas ou a retirada de vegetais da mata nativa (bromélias, orquídeas e xaxim). Da mesma forma, o uso de pedras, madeiras e utensílios agrícolas abandonados era valorizado.

O agricultor preenchia uma ficha de inscrição na sede da associação e na seqüência um técnico local ia até sua propriedade fotografar o local que ele havia escolhido para melhorar. Feito isso, uma carta era enviada à propriedade participante com uma cópia da foto. Uma comissão julgadora de fora do município foi organizada e passou por todas as propriedades avaliando as melhorias

realizadas e dando nota às propriedades; além disso, uma nova foto do local era feita. Os vencedores do concurso "Jardim Quatro Estações", duas propriedades na primeira edição, receberam um prêmio em dinheiro que deveria ser utilizado em melhorias nas propriedades rurais e também um certificado contendo o "antes e depois" de sua propriedade.

Além disso, algumas ações no sentido de resgatar e preservar a cultura local também foram desenvolvidas. Desta forma, foi realizado um concurso de culinária típica nos cinco municípios envolvidos no projeto e uma pesquisa de causos acontecidos na região. Com relação ao concurso de culinária, o objetivo era que os inscritos recuperassem receitas das vovós e que estas pudessem servir de base para a elaboração dos cardápios nas propriedades rurais. O resultado deste trabalho foi a publicação de dois livretos pela associação Acolhida na Colônia e a utilização das receitas para a realização de um curso de culinária de Santa Rosa de Lima e Anitápolis, em novembro de 2001. Além disso, a associação também incentiva os grupos folclóricos, de canto e dança da região e o desenvolvimento do artesanato local.

Com relação ao meio ambiente, além de exigir de seus associados a adoção de



Foto: Adriano Comin

práticas corretas em seu estatuto (saneamento básico, produção orgânica de alimentos), a Acolhida na Colônia tem participado, através de seus representantes, de diversos movimentos em prol da preservação ambiental.

Também se configuram como ações do programa de agroturismo em desenvolvimento a formação constante de seus associados. Neste sentido, novos cursos e dias de campo são realizados sempre que algum associado solicita ou quando se detecta alguma fragilidade na atividade, sendo isso avaliado pelo técnico local ou pela coordenadora do programa. Os próprios visitantes também contribuem para este diagnóstico contínuo através do preenchimento de um formulário de sugestões quando deixam as propriedades.

“Nós temos vários tipos de turistas: os que vêm para conhecer a produção orgânica, os que vêm conhecer a iniciativa do turismo, e também as famílias que vêm passar final de semana mesmo. Na minha propriedade, como é uma propriedade que está bem embaixo da mata, tem só a estrada e as duas casas que ficam embaixo da mata mesmo a gente utilizou o próprio recurso da mata para ser o jardim, usando muita bromélia, muita orquídea, pra ficar comprando flor e plantando não dá muito certo porque o sombreado das árvores não deixa outras flores crescerem. Então o nosso jardim é mais feito com plantas da região mesmo. Hoje o turista vai pra lá e passa o dia descansando, tem muitos que gostam de ler, nós temos trilhas pra fazer, tem pescaria, usamos fazer as brincadeiras que nós fazíamos quando éramos crianças que é a carretilha, o carrinho de rolemã para as crianças brincarem. As crianças que vão pra lá levantam cedo e vão brincar no carrinho e ficam brincando até no escuro de tanto que gostam. Hoje com tanta modernidade de brinquedos que tem eu fico surpresa de as crianças gostarem. Então dá pra ver que quando eu era criança eu brincava com uma coisa legal porque hoje as crianças gostam. Escorregar no morro com uma tábua, com uma casca de coqueiro, então procuramos fazer isso, manter o que nós brincávamos quando éramos crianças e estar trazendo isto para o turista hoje.

E como a gente trabalha num turismo integrado, então a gente divulga as outras propriedades para eles também conhecerem, visitarem, para ter uma troca. Às vezes tem um turista que vêm na minha propriedade mas que gostou um pouquinho mais da outra, então é importante eles conhecerem todas as propriedades. E também o que chama a atenção é o nosso produto, então por exemplo eu produzo mel, então tem turistas que vêm para comprar o mel, vai na outra propriedade onde se faz melado, as verduras. Às vezes a gente pergunta para o turista se ele não quer ir almoçar em outra propriedade, aí ele diz assim 'mas a gente gostou tanto daqui, nós queríamos ficar aqui'. Daí a gente conta que trabalha em parceria, que é legal conhecer tudo. E isso faz o turista voltar. E até hoje a gente tem um caderninho para o turista escrever, deixar uma mensagem ou deixar uma sugestão de melhoria ou do que gostaria de encontrar numa próxima vez.

Procuramos manter dentro da nossa estrutura uma harmonia na decoração, procuramos fazer tudo nós mesmos, nossos abajourzinhos que meu filho já faz com bambo para colocar na beira da cama. Fazer assim uma decoração que não custe caro pra nós e que está à nossa mão ali, que a gente produza mesmo.”

Leonilda Baumann

Conquistas e Desafios

Conquistas

“Uma das grandes conquistas é poder ver o resultado final em alguns agricultores. O que é esse resultado final? Eles estão lá em suas propriedades felizes, felizes de receber o turista, conseguindo gerar renda e principalmente com os filhos lá. Esta é a grande conquista do projeto, de mostrar, contrariando todos os cenários – cidades sem asfalto, sem sinalização, sem telefone, sem essa matriz que se tem no turismo tradicional – a gente conseguir desenvolver num cenário tão adverso e ter um resultado tanto para as famílias quanto para o meio ambiente, outro grande objetivo da Acolhida na Colônia. Porque a partir do momento em que tem um agricultor que conseguiu, ele é exemplo e facilita inclusive o trabalho. E a partir do momento em que você deixa de ser um projeto e passa a ser um resultado pois atingiu a meta que estabeleceu, você consegue o reconhecimento dos outros.

Outra conquista é ver a mudança de postura dos órgãos do governo, apesar de as políticas públicas ainda serem muito pequenas. Mas há uma mudança de postura que não se pode negar, um reconhecimento de que isto é importante, de que este tipo de turismo é relevante. Então acho que este resultado positivo da Acolhida e de outros projetos que são maravilhosos no país ocasionaram esta mudança inclusive nas políticas públicas e isto vai beneficiar muito mais gente que vem por aí.”

Thaise Guzzatti

“Eu sou muito habilidosa com artesanato. Então eu faço vários artesanatos, e sempre procurei ajudar o meu marido a criar nossos filhos. Eu fazia muito crochê pra vender, depois eu comecei a fazer cobertor de lã de ovelha, isso tudo ajudando a complementar a renda. Aí a gente já tinha não só o recurso dele como professor, mas a gente tinha o mel, e tinha os meus artesanatos pra vender. Aí depois que entrou o turismo, foi onde eu me encontrei. Eu fiquei feliz dizendo que eu era agricultora. Quando a Thaise fez a primeira reunião eu me encantei com o que ela contou. E foi bem legal. Com o diagnóstico participativo a gente começou a enxergar pequenos errinhos que tinham na nossa propriedade que a gente achava que estava bem organizada, mas que para receber um turista não estava.

Eu tenho o exemplo dos meus filhos. A Ana Paula tem 22 anos e o que ela quer mesmo é trabalhar com turismo, ela adora trabalhar no mel também. Não no campo, mas dentro da indústria – de embalar, de encaixar, de mandar, cuidar do controle. Ela gosta de gerenciar mas não de ir no campo. Ela acha um trabalho muito pesado. Ela mesmo fala 'mãe, é muito pesado pra ti ir pro apiário', porque hoje eu faço todo o trabalho, desde o campo até processar, embalar e mandar. Mas eles são bem entusiasmados, não só eles como todos os filhos lá que iniciaram o trabalho. Eles vêem outra possibilidade de vida. Hoje os meus filhos enxergam uma forma de ganhar dinheiro sem ser aquela agricultura tradicional em que eu fui criada, de a gente trabalhar um ano inteiro e não ter dinheiro nem pra comprar uma roupa por ano que era o que a gente ganhava quando era criança. Hoje não é assim. Hoje eles percebem que mesmo sendo um trabalho pesado na agricultura, com o turismo as coisas mudaram muito. E muita coisa é aproveitada. Por exemplo, muita fruta era jogada fora, hoje a gente prepara as geléias, os doces para servir e isso é servido e vendido pro turista. Então essa mudança aconteceu da minha infância para a deles. Tudo o que se produz ali vende. Mesmo trabalhando menos se consegue ganhar mais. Eles são muito entusiasmados. Não vou dizer que ainda não vão sair pra estudar. A Ana Paula fez um curso que é uma ONG de jovens que pra ela foi muito bom, que ensina o jovem a ser um empreendedor. Ela ainda quer fazer uma faculdade, mas ela vê hoje que na nossa cidade tem que sair para fazer uma faculdade pública. Na nossa cidade isso é muito caro pois a faculdade é paga. E ela já faz todas essas contas, de que com o dinheiro dos estudos ela pode construir uma pousada e viver disso aqui. Ela diz 'eu não preciso ter uma universidade, eu posso me formar de outra forma, fazendo cursos'. Com a própria troca com o turista eles aprendem muito. O Jackson cresceu dentro do turismo. Ele tinha 5 anos e como era muito grudado comigo ele sempre acompanhava todas as reuniões. Hoje ele fala de turismo muito melhor do que eu.”

Hoje eu estou segura do que eu quero. Estou segura do que é o meu trabalho. Se eu recebo uma pessoa que não gosta do que eu faço então não é ali que ela deveria estar. Ela deveria ir procurar outro tipo de turismo. Então hoje a gente está bem seguro disso. Eu estou bem segura disso, e os meus colegas que recebem o turista estão seguros disto.

O nosso convívio é muito próximo com o turista. Quando ele está ali ele faz parte da nossa família. Às vezes o difícil é tu cobrar uma diária daquela pessoa. Muitos vão e fazem a conta porque eu não me sinto à vontade.”

Leonilda Baumann

Desafios

O principal desafio é dar conta da demanda de trabalho que a gente tem hoje. No caso da Acolhida por exemplo a gente tem um monte de agricultores que quer participar e a gente não consegue envolver. E por conta disso tudo a gente está deixando de lado etapas importantes do processo. A principal etapa é o diagnóstico participativo e a gente não consegue mais fazê-lo da forma que a gente fazia. Isto porque os agricultores que já estão envolvidos estão com mil atividades e não tem mais tempo de ir à casa dos outros. E fazer estas coisas que foram tão importantes não perderem seu sentido, e dar conta de conseguir cumprir esta meta que é envolver agricultores de outras regiões, e tudo o que está por trás disto: manter equipe, tem a questão logística.

E especialmente com relação ao turismo o que me preocupa, como qualquer atividade econômica são as questões de mercado. Não de falta de mercado, mas as imposições do mercado. É difícil hoje você achar o equilíbrio entre fomentar o turismo em uma comunidade, em uma família, até que ela consiga se desenvolver e ter benefícios, mas também não fomentar muito a ponto de todo o resto ser abandonado. E no caso da agricultura, por exemplo, eu já vivenciei vários casos em que o resto foi esquecido para se viver do turismo. E para viver do turismo precisa atender o que o turista quer, e daí não é mais o turista que tem o perfil que a gente acha que é interessante, mas sim o turista convencional. Por um lado tudo bem, pois a meta de geração de renda está sendo cumprida, mas a que preço? Então esse equilíbrio de fomento do turismo de base comunitária para que não prejudique outras questões importantes da vida econômica e social das comunidades é bem tênue e difícil de atingir.

Thaise Guzzatti

“Uma dificuldade é a sobrecarga de trabalho, pois nossa forma de trabalhar envolve várias atividades. Hoje eu faço muita coisa e isso se torna um pouco pesado. Uma coisa que eu acho é que eu não tenho tempo para se informar sobre as leis, conhecer, e esse tempo a gente não tem porque passa o dia inteiro trabalhando na roça e à noite está cansada. Eu poderia aprender a mexer no computador para me informar, mas eu chego tão cansada que eu não consigo fazer isso. Eu preciso dormir pra descansar mesmo. Então depois de 10 numa associação ainda não temos muito acesso à informação, e é essa a minha esperança em relação aos jovens. Porque além de encontrar formas mais fáceis de trabalhar, eles vão estar bem informados.”

“Nós éramos minoria. Eram 5 agricultores, nem todos atendiam com pousadas num município pequeno, que ninguém acreditava que dava turismo. Então quando vinha um grupo de ônibus com estudantes, os outros agricultores que plantavam convencional deixavam a gente muito chateado porque eles falavam assim 'o que esse bando de vagabundos vem fazer aqui? Porque se tu tem uma pessoa que vai passear, que não estava no campo, na roça trabalhando, pra eles é um vadio. E mesmo a gente explicando que eles vinham para ver a nossa experiência de trabalhar com a produção orgânica, que é um estudo pra eles também, isso na cabeça das pessoas da nossa cidade não entrava. Depois que foi feito um trabalho nas escolas isso mudou, hoje as pessoas da cidade falam bem, mas no início não era assim.”

Leonilda Baumann

Outro desafio apontado foi o acompanhamento dos resultados do trabalho através de indicadores quantitativos precisos, uma das metas para 2010.

Considerações Finais



O agroturismo nas "Encostas da Serra Geral" foi concebido como "mais um instrumento" na construção do desenvolvimento sustentável da região. Desde o início buscou-se sinergia com outras ações que estão contribuindo para alterar a paisagem e o "destino" da região. Um projeto de desenvolvimento deve buscar diminuir as disparidades entre os espaços territoriais urbanos e rurais (em termos de incidência da pobreza, acesso a serviços públicos, etc).

Neste sentido, as diversas organizações que se constituíram na região (associação de produtores orgânicos, cooperativa de crédito rural, fórum de economia solidária, etc) se configuram como uma oportunidade para diversos agricultores que ao longo do tempo foram excluídos do processo de desenvolvimento, resultando numa possibilidade de inclusão social e desenvolvimento territorial sustentável.

O agroturismo deve se constituir numa ferramenta que busca, de forma participativa, mobilizar e incluir, nas suas ações, os recursos ambientais e culturais locais, os agricultores familiares e os diversos grupos sociais de um território, visando o desenvolvimento sustentável.

Sieglinde Krüger - propriedade Kruger Haus - município de Aurora
Foto: Adriano Comin

Compartilhando sonhos

“Meu sonho é que a gente consiga ter muitos agricultores com sucesso, com a atividade implementada. Mas mais do que isso, que os que a gente tenha, não importa se serão 100 ou 1000, que eles consigam manter a coerência com os princípios, que é o grande risco do desenvolvimento. Que não abram mão da produção orgânica, da cooperação entre eles. Que a gente consiga se desenvolver, crescer, ter mais agricultores, gerar mais benefícios para mais agricultores sem se esquecer dos nossos princípios, do que está por trás da associação, esse é o meu sonho. Se é ter 100 ou 200 eu não sei. O principal sonho é que a gente tivesse proprietários e agricultores de verdade coerentes com o que dizem que fazem.”

Thaise Guzatti

“Meu sonho é ver os meus filhos tocarem o trabalho pra frente pelas dificuldades que enfrentamos. Eles têm amor para tocar isso e vão fazer muito bem feito. Eu me sinto realizada no trabalho. Hoje estamos conseguindo convencer as outras pessoas a se engajar na Acolhida na Colônia, a buscar uma nova alternativa, a mostrar para as pessoas que não é só dinheiro, que existe outra coisa pra vida da gente, que conviver com outras culturas, com outras experiências é muito bom. Eu vejo isso.”

Leonilda Baumann, agricultora



Foto: Daniel Franco

Contatos

Autoras/Contadoras de Histórias

Associação Acolhida na Colônia

www.acolhida.com.br

E-mail: acolhida@gmail.com

Tel: (48) 3654 0186 (Coordenação Geral,
Santa Rosa de Lima, SC)

THAISE COSTA GUZZATTI

Thaise cresceu em Criciúma (SC) e cursou Agronomia na Universidade Federal de Santa Catarina. Foi responsável pela criação da Associação Acolhida na Colônia, da qual é assessora técnica.

LEONILDA BOEING BAUMANN

Nasceu em Anitápolis (SC) e é agricultora/apicultora. Mora em Santa Rosa de Lima e tem dois filhos. É proprietária de uma pousada colonial (Pousada Vitória) e faz parte da diretoria da Acolhida na Colônia.

Créditos

O texto que descreve a metodologia da iniciativa foi baseado na tese de mestrado conforme segue:
GUZZATTI, C. T. O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural: sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de agroturismo nas encostas da Serra Geral. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.